

# Crescimento revisto para baixo

VICENTE NUNES E  
LUÍS OSVALDO GROSSMAN  
DA EQUIPE DO CORREIO

O minguido desempenho da economia no segundo trimestre do ano — expansão de apenas 0,5% — levou bancos, consultorias e entidades empresariais a reverem para baixo as projeções de crescimento para o Produto Interno Bruto (PIB) neste ano. Agora, as estimativas estão apontando para um número mais próximo de 3%.

Mas já há quem fale em aumento entre 2,5% e 2,9%, índices frustrantes diante das necessidades do país de reduzir as desigualdades sociais e de ampliar o emprego e a renda. Caso se confirmem os 3%, a média de crescimento do PIB no governo Lula será de 2,67%, bem próximo da taxa média de 2,3% registrada nos oito anos de mandato de Fernando Henrique Cardoso.

Pelos cálculos de Eduardo Velho, economista-chefe da

Mandarim Gestão de Recursos, mesmo que a economia recupere o fôlego e cresça 1,4% no terceiro trimestre e 1,2% no quarto trimestre, o aumento do PIB no acumulado do ano será de 3,3%. “Esse, porém, é o cenário mais positivo com o qual eu trabalho”, afirmou. Em outras duas simulações, ele prevê aumentos de 3,11% e de 3,16%. Antes da divulgação dos números do segundo trimestre pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os três cenários traçados por Velho apontavam incrementos de 3,54%, 3,66% e 3,77% para o PIB. “Não vejo a menor possibilidade de a economia registrar a expansão de 4% prevista pelo governo”, assinalou.

Para Zeina Latif, economista-chefe do Banco Real ABN-Amro, em vez de 4% o PIB crescerá, no máximo, 3,5% neste ano. “Uma decepção”, ressaltou. Ainda mais pessimista, o economista-chefe da Confederação

Nacional do Comércio (CNC), Carlos Thadeu de Freitas Gomes, aposta que o aumento do PIB não chegará a 3%, o que será um problema para o próximo governo, seja ele qual for. “A economia brasileira não terá mais a ajuda da economia mundial, que também estará crescendo menos”, afirmou.

## 2007 pior

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) também avisou que já está refazendo as estimativas para o PIB. Até ontem, a entidade acreditava que a economia poderia crescer 3,7% neste ano. Mas, agora, já trabalha com um incremento entre 2,5% e 3%.

Nas contas dos técnicos da CNI, mesmo que o país repita, no segundo semestre deste ano, os melhores períodos de 2000 e 2004, anos em que a economia cresceu acima de 4%, o aumento do PIB em 2006 será de 2,9%. O desempenho mais fraco da economia será resultado do menor ritmo de produção da indústria de transformação, que representa 60% do PIB industrial e que mais cria emprego no setor. Entre abril e junho, a indústria de transformação encolheu 0,4%, segundo os cálculos do IBGE.

Na avaliação de Elson Teles, economista-chefe da Corretora Concórdia, a frustração com o andamento da economia não está jogando para baixo somente as projeções de crescimento para este ano. Também os números para 2007 estão sendo revistos. Essa revisão, por sinal, começou antes mesmo da divulgação do PIB do segundo trimestre. No início desta semana, pela primeira vez desde abril, os quase 100 analistas e consultores ouvidos pelo Banco Central por meio da pesquisa Focus derrubaram as estimativas para o PIB do ano que vem de 3,7% para 3,5%.



## DESESPERANÇA

**“A ECONOMIA  
BRASILEIRA NÃO  
TERÁ MAIS A AJUDA  
DA ECONOMIA  
MUNDIAL, QUE  
TAMBÉM ESTARÁ  
CRESCENDO MENOS”**

*Carlos Thadeu de Freitas  
Gomes, economista-chefe  
da Confederação Nacional  
do Comércio (CNC)*